



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA – CESPD

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

CLAUDIA LIMA GONÇALVES

**A PRESENÇA DA VOZ NEGRA BRASILEIRA EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA
DOS REIS**

PRESIDENTE DUTRA – MA

2023

CLAUDIA LIMA GONÇALVES

**A PRESENÇA DA VOZ NEGRA BRASILEIRA EM “ÚRSULA” DE MARIA FIRMINA
DOS REIS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras,
do Centro de Estudos Superiores de
Presidente Dutra – MA (CESPD), da
Universidade Estadual do Maranhão-UEMA,
como requisito parcial à obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Orientador (a): Profa. Esp. Francisca Fabiana
da Conceição Cruz

PRESIDENTE DUTRA – MA

2023

Gonçalves, Claudia Lima.

A presença da voz negra brasileira em Úrsula de Maria Firmina dos Reis/
Claudia Lima Gonçalves. – Presidente Dutra, MA, 2023.

48 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e
Literaturas da Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão,
Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, 2023.

Orientadora: Profa. Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz.

1.Maria Firmina dos Reis. 2.Mulheres negras. 3.Romantismo. I.Título.

CDU:534.78:(599.23)(81)

CLAUDIA LIMA GONÇALVES

**A PRESENÇA DA VOZ NEGRA BRASILEIRA EM “ÚRSULA” DE MARIA FIRMINA
DOS REIS**

Monografia apresentada junto ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 20 / 07 /2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz

Orientadora

Prof.^a Me. Fausta Maria Miranda dos Reis

1º Examinador (a)

Prof.^a Me. Layana Kelly Pereira de Holanda

2º Examinador (a)

A minha querida mãe, como sua primogênita, dedico-lhe este presente como forma de dizer que consegui! Por você, por mim e pela nossa família!

AGRADECIMENTOS

Houve momentos em que pensei em desistir, com saudades de casa e da minha família, sentia ansiedade e passava noites em claro, com isso, sempre procurava uma forma de tentar levantar a cabeça e seguir, mas ir para uma nova cidade em busca da realização de um grande momento que era a formação acadêmica, e estar ausente da minha família e sem saber o que me esperava, era assustador. Contudo, pude aprender a passar por estes momentos, pois sempre tentava manter o máximo de contato com a minha família.

Com isso, gostaria de agradecer a Deus, por mais essa conquista que me foi proporcionada. A minha família que mesmo de longe, não desistiram de mim, foram meu suporte e apoio e me encorajaram a ir atrás daquilo que me tirou do conforto do lar, a faculdade. E a minha mãe, que me mostrou os caminhos que a vida pode levar se soubermos fazer as escolhas certas na vida.

Nesse contexto de faculdade, quero mencionar algumas pessoas que foram fundamentais nesse processo, Myrna Mota, Jonas Pereira, Nathalia Alves, Gustavo Rodrigues e Marianna Oliveira. Gostaria de expressar minha gratidão a todos vocês que transformaram minhas preocupações em conversa fiada, brincadeiras e risadas, e que me apoiaram e perseveraram neste semestre e em todos os outros. Pessoal, conseguimos!

Em seguida, gostaria de enaltecer alguns professores que souberam o que estavam fazendo quando resolveram dar aula, além de mestres na didática, viraram amigos de rolê, entre eles estão Jonh J. Alves, Fabiana Cruz e Douglas de Sousa, meus sinceros agradecimentos em ter tido a oportunidade de conhecê-los e por me mostrar onde posso chegar se tivermos coragem e determinação, vocês são espelhos para muita alma que se encontrou perdida nos primeiros semestres e aos demais funcionários e coordenadores, que contribuíram com o apoio pela instituição, obrigada.

Em último momento, gostaria de dizer ao meu atual namorado, que agora ele vai precisar aturar a Sr.^a Formada de 25 anos com estresse e uma coluna de 80, e

que os momentos de luta acabaram (sendo professora, acho difícil, mas vale o pensamento!).

E não menos importante, gostaria de agradecer a mim. Pela minha dedicação ao longo destes quatro anos, paciência e esforço, me perdoa por todas as vezes em que me julguei culpada por ter perdido momentos que eram importantes para mim, como o nascimento de meu querido sobrinho Miguel Henrique, e as datas comemorativas em que me fiz ausente, pois sei que era preciso coragem para fazer alguns sacrifícios e chegar onde estou.

Reconheço e afirmo que, a jornada não foi fácil e após a graduação não vai ser nem por pouco, mas se fosse, todo mundo fazia e como diz minha mãe: “eu não sou todo mundo”. E para aqueles que precisam de alguma motivação, vejam o exemplo de Maria Firmina, que por ser uma mulher negra e com dificuldade financeira, fez muito por si e para outras pessoas no âmbito educacional e literário.

*Deixai, pois, que minha Úrsula, tímida e
acanhada, sem dotes da natureza, nem
enfeites e louçanias da arte, caminhe entre
vós. Não a desprezeis, antes amparai-a nos
seus incertos e titubeantes passos para
assim dar alento à autora de seus dias [...]*

(Maria Firmina dos Reis, 2020, p. 08)

RESUMO

O presente trabalho visa analisar a voz de uma autora negra brasileira, abordada no século XIX, diante das questões que eram interligadas ao patriarcado. Um tema bastante discutido, visto que, o espaço feminino e negro são vertentes que abrangem o meio social e literário. O objetivo central deste trabalho é abordar uma perspectiva sobre a representatividade da voz negra na literatura, uma vez que, a sociedade torna evidente seu silenciamento mediante sua raça, gênero e classe social. Associando a obra *Úrsula* de Maria Firmina do Reis que faz uma condensação sobre a escravidão e a questão da mulher como objeto de idealização. Além disso, realizaremos uma pauta sobre o Romantismo, que foi um movimento literário e que deu origem a uma fase Condoreira, onde autores negros poderiam utilizar da literatura como forma de denúncia social. Propõe-se apresentar questões sobre a contextualização histórica literária, e sobre as condições em que se situam as mulheres do século XIX em um parâmetro de gênero, literatura e sociedade, com um referencial teórico nas autoras Neusa Sousa (1983), Zilá Bernd (1988), Djamila Ribeiro (2019) e Eni Orlandi (2009), que discorrem do assunto proposto, entre outros.

Palavras-chaves: Romantismo; mulheres negras; Maria Firmina dos Reis

ABSTRACT

The present work aims to analyze the voice of a black Brazilian author, addressed in the nineteenth century, in the face of issues that were interconnected with patriarchy. A widely discussed topic, since the female and black space are aspects that encompass the social and literary environment. The central objective of this work is to address a perspective on the representativeness of the black voice in literature, since society makes its silencing evident through its race, gender and social class. Associating the work Ursula by Maria Firmina do Reis that makes a condensation on slavery and the issue of women as an object of idealization. In addition, we will carry out an agenda on Romanticism, which was a literary movement and which gave rise to a Condoreira phase, where black authors could use literature as a form of social denunciation. It is proposed to present questions about the literary historical contextualization, and about the conditions in which nineteenth-century women are situated in a parameter of gender, literature and society, with a theoretical reference in the authors Neusa Sousa (1983), Zilá Bernd (1988), Djamila Ribeiro (2019) and Eni Orlandi (2009), who discuss the proposed subject, among others.

Keywords: Romanticism; black women; Maria Firmina dos Reis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DO ROMANTISMO	14
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DO ROMANTISMO NO BRASIL	16
1.2 ROMANTISMO NO MARANHÃO E O GRUPO MARANHENSE	19
2 AS CONDIÇÕES DAS MULHERES NO SÉC. XIX: GÊNERO E LITERATURA...23	
2.1 EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES – UMA LUTA POR IGUALDADE	26
2.2 AUTORIA FEMININA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA	29
3 MARIA FIRMINA, UMA MARANHENSE À FRENTES DO SEU TEMPO.....32	
3.1 ÚRSULA, UMA ANÁLISE LITERÁRIA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA VOZ NEGRA	34
3.2 O PERFIL DAS PERSONAGENS FEMININAS.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	45

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a literatura abrangia pensamentos filosóficos de muitos intelectuais homens brancos, sendo assim, tudo que era produzido e considerado pelo espaço da literatura reflete no que as pessoas pensam e consideram, e visto que essa literatura era feita para as pessoas de elite onde os mesmos a legitimavam e consumiam, havia um debate racial quando se tratava de literatura propriamente escrita por negros.

A literatura negra tendia a ser ofuscada, e todo conteúdo que era produzido não tinha relevância ou era rejeitado. Assim, o que pode ser considerado fruto e reflexo de uma estrutura racista que há na construção da sociedade brasileira e estabelecer essa responsabilidade, pelo fato de ter sido um processo coletivo e histórico de apagamento do debate racial desse espaço, era um grande obstáculo para as pessoas negras.

E quando se trata desse espaço para as mulheres, há uma estrutura além de racista, sexista. O gênero feminino é negligenciado pela desigualdade racial e pelo gênero, e na literatura como uma voz secundária.

Logo, o Romantismo foi um movimento artístico que teve como princípio o sentimento sobre a razão, e embora na literatura tivesse grandes nomes masculinos, era um espaço onde todos e qualquer indivíduo, pudesse exprimir e mostrar para o mundo sua voz e seu ponto de vista, seja em histórias, na arte e até mesmo na música.

E no século XIX, poucas eram as mulheres que se viam em disposição ao enfrentar uma sociedade complexa e cheia de costumes. Todo papel representativo na história era com enfoque aqueles que se tinham na condição de um feito, ou seja, os homens. Ficando para mulheres os deveres e afazeres domésticos e nada além do que era “permitido” pelo patriarcado.

Atualmente, a literatura abrange diversas mulheres de épocas diferentes para retratar ainda a busca desse reconhecimento. No entanto, uma voz negra não recebia o mesmo triunfo na carreira e devido a isso, fatores como a utilização de pseudônimos eram corriqueiros.

Ter uma mulher à frente de algum movimento público, não era muito respeitado, logo pois, suas obrigações deveriam ser “dona do lar” e “provedora de afeto”. No entanto, essas titulações poderiam ser dadas e herdadas somente aquelas que possuíam bens ou que eram da alta sociedade, a quem os maridos ou pais fossem seus provedores e responsáveis legais. A mulher negra não poderia ser da classe alta, visto que, carrega a imagem da época de servidão, como mercadoria de mão escravista. Com isso, o povo negro buscou formas para denunciar esse tipo de discriminação através de manifestações, que mesmo após a abolição, havia uma hostilidade para com a etnia.

Nesse sentido, o trabalho em questão pretende fazer uma análise na apresentação da voz de uma mulher negra em divergência no século XIX, buscando entender e compreender a figura do gênero feminino dentro da literatura como na sociedade brasileira e na sua complexidade em relação ao tempo atual vivido e subsequente.

O livro “Úrsula” retrata uma crítica por meio da humanização através de personagens escravizados. Uma luta que Maria Firmina enfrentou desencadeando questões sobre o sistema colonial vigente.

Com uma metodologia reflexiva e bibliográfica, este estudo eleva sua abordagem exploratória e descritiva para parâmetros sobre questões sociais e raciais, autoras para um referencial teórico como Bernd (1988), Sousa (1983), Ribeiro (2019). Outras para um estudo acerca do feminino na literatura, como Michelle Perrot (2008) em *Cadernos Pagu*, Norma Teles (1989) na Revista História com pauta em *Rebeldes escritoras, abolicionistas*. E Eni Orlandi (2009) que em seu livro trabalha análise de discurso, um fator considerado importante para compreensão acadêmica deste trabalho.

No primeiro capítulo, iremos tratar sobre a contextualização histórica do Romantismo na Europa, permeabilizando o autor Isaiah Berlin com sua obra *Raízes do Romantismo*, logo no Brasil com Alfredo Bosi e Antônio Cândido que realizaram estudos teóricos sobre a literatura brasileira, e alguns pontos de leituras sobre os autores José Veríssimo e Rossini Corrêa sobre a literatura no Maranhão.

No segundo capítulo, abordar-se sobre a autoria feminina negra dentro da literatura e sobre como as mulheres eram vistas nessa percepção de gênero e literatura no século XIX, abordando autores que considerei necessariamente discorrer.

Finalizando o último capítulo, e ainda dentro do desenvolvimento, realizaremos um breve discorrer sobre a autora e uma análise do romance “ÚRSULA” sob uma perspectiva de analisar e dissertar sobre as situações que a autora retratou em sua obra, através de um triângulo amoroso e o perfil no qual a mulher era idealizada.

Dessa forma, o trabalho realizado tem por objetivo geral nortear o leitor para mais uma vez, com olhares de discernimento, levar o tema proposto em condições de debates e rodas de conversas dentro da sociedade e do meio social. Utiliza-se da ideologia do ser feminino reformulado no século XIX pelos colonizadores, para um questionamento e reflexão comportamental.

1.CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DO ROMANTISMO

A Revolução Industrial (1760) e a Revolução Francesa (1789), intensificaram e acentuaram as contradições que vinham sendo fermentado há séculos, à medida que as sociedades feudais faziam a transição para o capitalismo. Nesse sentido, tais revoluções fazem parte de um mesmo processo histórico de integração da sociedade industrial que caminhava para a *era do capital*, a realização do poder político, econômico, social e ideológico da burguesia, com isso reflete a influência dos costumes no Romantismo.

Entretanto para Berlin (2015);

Ambas revoluções não tinham uma relação direta com a outra, visto que havia um sentimento de que algo catastrófico ocorreu no sec. 18. [...] Princípios como a razão, ordem, com pouca relação com o senso de singularidade, o senso das diferenças entre as coisas, mais das dessemelhanças que das semelhanças, aspectos com que o movimento romântico em geral é associado. (BERLIN. 2015, seção 2.)

Após o definhamento do rei Luís XVI, a igreja e o absolutismo, a aristocracia entrava em jogadas ideais de liberdade e igualdade que eram defendidos por determinados grupos políticos radicais, que tinham como filosofia, o liberalismo político. E logo em 1799, a Europa vivia uma Era Napoleônica¹, onde ocasionou em mudanças na economia do Continente e no mais tardar, o declínio do colonialismo europeu com a independência de algumas colônias.

A classe alta se tornou um público-alvo de leitores e com isso, os romances românticos produzidos eram divididos em prosa social-urbana, que eram destinados a esse público com enredos relacionados à burguesia e sua estrutura social; e outros

¹ Napoleão se destacava nas guerras durante a Revolução Francesa, tinha apoio do exército, da burguesia e dos políticos, o que marcou o final desta em 1799 como denominado o *Golpe 18 Brumário* determinando o fim dos anos de instabilidade na França. A Era Napoleônica teve seu período de governo com início em 1799 a meados de 1800, sendo dividido em três eras chamadas de Consulado, Império Napoleônico e o Governo dos Cem Dias respectivamente. Napoleão após sua última batalha, foi derrotado e exilado para uma ilha onde permaneceu até o fim de sua vida em 1821.

como a prosa indianista, prosa regionalista e prosa histórica que abordam temáticas com o índio, a cultura de algumas regiões e o passado histórico.

Nesse sentido, o Romantismo se concretizou na Europa em meados do século XVIII, em 1820, perpassando por França, Inglaterra e Alemanha. No entanto, haveria características de que o movimento já estivesse sido tracejado desde 1760, durante o Iluminismo, sendo chamado por alguns autores, assim de pré-romantismo.

Dessa maneira, o Romantismo foi um movimento literário de reivindicação a personalidade sensível e emocional dos indivíduos a temas como sentimentalismo a oposição das questões sociais, gerando grande influência dentro da literatura, música e pintura.

Os valores aos quais eles atribuíam a maior importância eram integridade, sinceridade, disponibilidade para sacrificar a vida para alguma chama interior, dedicação a algum ideal pelo qual valia a pena sacrificar tudo aquilo que a pessoa é, pelo qual valia a pena viver e também morrer. (BERLIN, 2015. Seção 3)

Os poetas desse período literário, atribuíam valores significativos para com a literatura em questão. Ao produzirem, estes mesmos se dedicavam ao extremo, esqueciam-se de si e escreviam em virtude de exprimir características como o sentimentalismo, a exaltação da mulher, a espiritualidade e o escapismo relacionando-os como parte deste cenário europeu.

Destacam-se poetas e escritores que atribuíram tais valores mencionados por Berlin que se dedicaram ao movimento como um ideal de vida, dentre eles estão Johann Wolfgang von Goethe (1749) do Romantismo Alemão; George Gordon Byron (1788) na Inglaterra e; Victor Marie Hugo (1802) como representante literário na França e muitos outros.

Já na música, estão Felix Mendelssohn (1809-1847) e Robert Schumann (1810-1856) e sobretudo na pintura com Théodore Géricault (1791-1824) e Eugène Delacroix (1798-1863), deixando de seguir os estereótipos formulados e atribuindo novas expressões de sentimento individualista.

Contudo, o Romantismo foi um movimento literário que marcou a Europa e diversos outros países socialmente e politicamente, o movimento foi de grande

importância, transformou vidas e o pensamento do mundo ocidental, depois dele, nada mais foi o mesmo, sendo assim, a maior mudança ocorrida na consciência do Ocidente.

Já Berlin (2015) aborda em *as origens do Romantismo*, outros escritores que tinham uma visão própria sobre o movimento, onde o mesmo relata o conceito acerca do estilo da época:

Stendhal diz que o Romantismo é uma tentativa de compreender as forças que se movem na vida da pessoa, e não uma fuga para algo obsoleto. Goethe conceitua o Romantismo como uma doença, fraco, doentio. [...] e ao contrário de Goethe, Nietzsche retrata o movimento como uma cura para uma doença, uma terapia. [...] (BERLIN, 2015. Seção 3)

Conforme descrito pelo autor, a conceituação do movimento literário romântico trouxe consigo, uma carga de opiniões dos diversos escritores da época. A estética literária obteve uma grande repercussão de sua origem a chegada ao Brasil, onde foi marcado por um momento de historicidade e expressão, visto que o povo brasileiro estava em celebração a independência.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DO ROMANTISMO NO BRASIL

O Romantismo é uma estética romântica que se caracterizou pelo racionalismo e materialismo exacerbado trazidos do iluminismo e da Revolução Industrial, e com sua expansão por toda Europa, a literatura deste movimento se formalizou no Brasil. Teve seu desenvolvimento no final do sec. XVIII caminhando para o século XIX, e como a população estava deixando de ser colônia para ser uma nação, o movimento obteve grande repercussão no período de pós independência.

Assim, segundo Cândido (1975) no âmbito literário, fazer parte dessa construção de nação independente é saber visar a diferenciação e elaboração do sujeito na literatura e da forma de expressá-la. Assim como o sentimento de nacionalismo que é retratado como uma característica principal na literatura

romântica, dando ênfase na imagem de um nativo, o índio. Marcando assim, o início de uma geração romântica no Brasil:

[...] à medida que os ideais de liberdade e progresso foram penetrando a ideologia corrente, a historiografia da cultura se pôs a medir autores e obras pelo metro da sua maior ou menor adesão a esses valores. Nação primeiro, progresso depois, às vezes agregados, serão os motores e os cânones por excelência da historiografia que predominou ao longo do século XIX. (BOSI, 2002. P. 12)

A ideologia atual é baseada nos ideais de liberdade e progresso, com isso, os autores precisavam atribuir suas obras a esses valores, e quando combinados, traria força motriz e um cânone comparável ao brilhantismo histórico do século XIX.

Com essa abordagem do índio como figura de um herói, era de extrema importância que os autores literários repensassem sob uma tomada de consciência quanto ao seu papel na sociedade, produzindo obras baseando-se nos valores nacionalistas, com isso, a primeira geração romântica no Brasil foi dada pelo nacionalismo e indianismo.

Autores como, Gonçalves de Magalhães em *Suspiros poéticos e saudades* e Gonçalves Dias com a *canção do exílio*, também retrataram seu sentimento de saudade pelo Brasil, estes descrevem a natureza, enaltecendo a beleza de seu país, e exaltando a sua pátria.

[...] um poema ou um romance podem ser significativos do ponto de vista sociólogo ou político, mas essas suas qualidades não os elevam, por si mesmas, ao estatuto de obras de arte. De todo modo, as melhores obras de todas as literaturas valem sempre pelos dois critérios, o representativo e o estético. (BOSI, 2015, p. 8)

Bosi defendia que para uma boa composição de literatura, é necessário se colocar por uma perspectiva de critérios como o representativo, sendo chamando pelo mesmo de, elemento de “resistência” que abrange autor e obra, e o estético caracterizado de forma mais individualista, de caráter artístico. Com uma estrutura de poema romântico, os autores podiam expressar seus sentimentos como uma liberdade formal. Os versos eram versos livres e brancos, sem um padrão de métrica e sem rimas.

No que tange, a Era Ultrarromântica (1850), temos sob influência desta segunda fase, o *spleen* de Byron e o *mal du siècle* de Musset com ideias de

individualismo e pessimismo nos românticos, de forma a viver uma existência doentia e artificial, perdida no próprio narcisismo. Para eles, caberia chamar este momento, dentro do Romantismo de “poesia de hospital” (BOSI, 2015. p. 93).

A era caracterizada por Byron e Musset é formada partindo de um pensamento pessimista, onde os autores se viam dentro de uma ótica negativa, sentindo tédio pela vida e valorização aos sentimentos de tristeza, egocentrismo e melancolia, com poesias idealistas e escapismos no tempo e na morte.

Entre os autores que também utilizam dessas características, estão Alvares de Azevedo que ofereceu seus ricos documentos para psicanálise e, Casemiro de Abreu que não se difere de outros autores já mencionados, se dispuseram de temas como a saudade a infância, o amor a natureza, entre outros. Esta segunda geração do Romantismo aborda em suas poesias o refúgio ao passado e a subjetividade, ou seja, uma visão pessoal - o eu.

Logo, a terceira fase trata-se de uma *fase Condoreira* descrito por Varela, onde o movimento romântico sai do individualismo e entra em questões sociais. Entretanto, o mesmo acaba retratando um pouco mais da visão romântica do que a condição em que o negro se encontrava (BOSI, 2015, p. 119). Com isso, destoava da ideia de abordar o negro como sujeito.

Antônio de Castro Alves é declarado o poeta abolicionista da época em *navio negreiro*, onde insere em sua obra uma realidade em que a própria nação se conserva a custo de um ser submetido a escravidão, coincidindo com a crise em que o Brasil se deparava.

A indignação, móvel profundo de toda arte revolucionária, tende, na poesia de Castro Alves, a concretar-se em imagens grandiosas que tomam a natureza, a divindade, a história personalizada o material para metáforas e comparações [...] (BOSI, 2015. p. 99)

Para o autor, a poesia de Castro Alves se caracteriza através das nítidas representações que o mesmo retrata em suas falas. Abordando momentos históricos que exprimem conflitos internos e denúncias sociais, em questão a escravidão como atos de injustiça.

Ainda no século XIX, além da poesia, temos o surgimento da prosa. O romance romântico que iniciou a época da prosa foi “Moreninha” de José Manoel de Macedo, publicado por meio de romance de folhetim, que na época, era o meio para publicação de entretenimento proposto pelos jornais, havendo assim o estímulo da leitura para os nobres, que tinham acesso à educação e em principal, para as mulheres.

Outro autor de extrema importância para os romances neste movimento, foi José de Alencar, que participou dos quatro tipos específicos de romances românticos como “Senhora”, “Iracema”, “O Sertanejo” e “Se Minas de Prata” respectivamente em romance urbano, indianista, regionalista e histórico.

Além dos romancistas mencionados, é relevante pontuar Teixeira e Sousa, que além de escritor e afrodescendente, dedicou-se ao romance brasileiro como um narrador folhetinesco, apesar de autores renomados como Macedo e Alencar, já predominassem os romances de folhetim.

De família humilde, Teixeira e Sousa levou as comunidades menos favorecidas e para aqueles que eram desprovidos de educação, o acesso a literatura romântica: “Seja como for, foi com ele que o Romantismo caminhou para a narração, instrumento ideal para explorar a vida e o pensamento da nascente sociedade brasileira.” (BOSI, 2015, p. 86)

Segundo o autor, Teixeira e Sousa foi um romancista que teve destaque no movimento romântico literário, pois apesar de seu pouco reconhecimento, o que difere dos grandes autores já abordados, se preocupou em levar a literatura para lugares que eram desvalorizados pela sociedade da época.

1.2 ROMANTISMO NO MARANHÃO

O Romantismo vem aspirando desde a Europa, França, Alemanha, Inglaterra e ao Brasil, cujo movimento não tem pretensão da desistência da razão, mas sim para uma consciência pura, mais clara. Um movimento que reuni e combina poesia lírica e épica, com a valorização ao sentimentalismo e idealização ao amor impossível.

Com o percentual impacto no Maranhão, é possível realizar a distinção entre manifestação literária e a própria produção literária, identificando o surgimento de produtores literários que são lúcidos de suas funções e que entendem da literatura por meio de mecanismos simbólicos, meio pelo qual as veleidades do indivíduo se transformem em elementos de contato entre os homens de diferentes esferas, produtores de múltiplas interpretações da realidade (CÂNDIDO, 1975, p. 23). Com isso, grupos literários se propuseram a tematizar o movimento em questão.

Alguns desses grupos literários desenvolveram atividades regionais relacionadas com a produção do Romantismo, mas os laços dessas figuras literárias com a Europa, especialmente Portugal, tornaram-se o mecanismo pelo qual seus escritos foram legitimados.

Por essa razão, a Universidade de Coimbra foi o espaço no qual maranhenses como Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa (1812), Manoel Odorico Mendes (1799), Sotero dos Reis (1800) e Gomes de Sousa (1829), se encontraram para estudos imersos e profundos.

Desde 1825 aparecem como publicistas, à frente de jornais, dois daquele grupo de intelectuais, Odorico Mendes e Sotero dos Reis. Outro, quiçá o maior quatro, João Francisco Lisboa, é jornalista desde 1832 e o será, com intermitências e sem fazer disso estado, pelo resto da vida. Desde o princípio foi escritor mais zeloso do seu estilo do que costumam ou podem ser jornalistas. (Veríssimo, 2013, p.257 e 258)

Quando o Romantismo deu origem a novos temas poéticos e a uma compreensão diferenciada das realidades sociais e do papel do artista na sociedade, os eventos historicamente narrados e a repetição de uma mesma ideia, no estado do Maranhão, gerou a formação do *Grupo Maranhense* fortalecendo a produção literária regional no universo literário nacional.

Gonçalves Dias foi o precursor maranhense que deu início a essa geração, um escritor de diversas produções genuínas, que serviu de inspiração para outros escritores que ansiavam seguir o caminho das letras, e em suas mais singelas cantigas, reforça seu espírito de escritor maranhense e seu amor à pátria.

Os comprovincianos e admiradores de Gonçalves Dias levantaram-lhe em São Luís uma estátua. [...] A ideia feliz da associação desses nomes na justa homenagem que ao máximo de seus filhos prestava a sua terra natal comemora a coexistência simultânea nesse mesmo torrão brasileiro de um grupo de intelectuais, como ora dizemos, que por mal dela e nosso jamais se repetiria. (Veríssimo. 2013, pág.254-255)

O “Grupo Maranhense” foi um sinônimo de habilidade literária maranhense, referência necessária para entender as expressões utilizadas na criação de “Athena Brasil”. Nome este que deu à capital provincial a sua famosa alcunha (CÂNDIDO, 1975b, p. 47). A proposta apresentada pelo grupo era compartilhar em suas poesias, uma visão particular diante da perspectiva de mundo, cujo seja pontuado o parâmetro estético transitório de um movimento para outro.

Assim para Cândido (1975), era urgente ao Grupo Maranhense descobrir, uma tradição, uma carga complexa de heroísmo em outras palavras, era necessária a criação de um mito nacional, pois aos românticos maranhenses era cara a existência de uma literatura com traços passados bem definidos, a qual eles pudessem se filiar como herdeiros de uma respeitável tradição que legitimasse o seu lugar próprio de produção.

Havia a necessidade de gerar uma literatura que pudesse ser capaz de transmitir, até mesmo anos depois, a geração e as origens do grupo maranhense que contivesse dos costumes e da ascendência do grupo.

O comportamento individual de cada autor foi interpretado como um contributo consciente para o refinamento da diferenciação e autoafirmação numa perspectiva cultural e educativa, todavia, a expressão *Athenas Brasileira* foi o resultado da luta de vários grupos sociais no desenvolvimento de sua própria identidade, e para Correa (1993) tal ponto de vista é embelezado como *maranhenses nascidos na Atenas Brasileira*. *Atenas Brasileira nascida dos maranhenses*, como símbolo social de identidade advento do Romantismo.

Nesse contexto, Atenas Brasil não funcionou como elemento pretendido de conteúdo identitário consistente, muito menos como signo de sou maranhense. Por outro, faz todo o sentido para quem a utiliza como símbolo em suas obras literárias.

O caráter ideológico que inspirou o discurso no Maranhão sobre a singularidade da história permaneceu uma anomalia, confinado ao ciclo literário, mesmo entre aqueles com alguma educação formal.

As referências literárias à rica literatura maranhense sugerem que uma verdadeira revolução literária estava em curso na época. Certamente esse período foi um dos acontecimentos mais importantes não só para o departamento maranhense e seus filhos proeminentes, mas também para a própria literatura romântica do país, reforçada pela constatação de que se tratava de um período completamente diferente.

E com isso, a possibilidade de ter em meio a renomados nomes da literatura, a participação das mulheres. Entretanto, no século XIX, pouco era concedido o espaço a estas que buscavam sua emancipação, lutavam por seus direitos e por melhores condições quanto a vínculos e posições sociais, o que será abordado no seguinte capítulo.

2. AS CONDIÇÕES DAS MULHERES NO SÉCULO XIX: GÊNERO E EDUCAÇÃO

A partir de uma perspectiva de conceito, os termos gênero e sexo são utilizados de forma equivocada como sinônimos, entretanto, os mesmos têm diferentes significados. Geralmente, sexo se refere a forma biológica, física e gênero se refere a construções e a cultural social em que o indivíduo se define e se insere.

Para tanto, Scott (1995) reflete que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Com isso, podemos observar que na Europa, a revolução industrial foi um processo cheio de mudanças, o foco era que houvesse essa tal distinção de trabalho por sexo.

No caso da elite, homens trabalhariam ocupando um espaço de poder público e as mulheres ficariam em casa, ocupando assim o espaço de poder privado. Todavia, as mulheres de baixa renda não poderiam usufruir da mesma categoria, pois precisavam da renda para seu sustento cujo não haviam homens a quem recorrer.

Além disso, houve a substituição de trabalho artesanal para o assalariado e com o uso de máquinas dentro das fábricas, notou-se que poderia haver a disposição de tempo e o aumento de produção em massa.

Entrelaçado com a revolução francesa, que foi um movimento inspirado nos iluministas com o intuito de derrubar o antigo regime que era monarquista e absolutista, o homem era um ser dotado de conhecimento que foi designado ao espaço público. E a mulher, um ser dotado de sensibilidade e por isso é designada para o espaço privado.

Pós-revoluções Francesa (1789-1799) e industrial (1760-1780), houve um fortalecimento do capitalismo onde as mulheres de baixa renda não poderiam mais utilizar o espaço público, devido a sua privatização. Mulheres desprovidas de recursos, precisariam utilizar outras formas de trabalho para tentar manter-se. [...] O olhar do homem confina a mulher um papel de submissão que comporta significações hierarquizadas. (RIBEIRO, 2019, p. 29)

No período colonial, o ideal da mulher precisar ser submissa foi embasado segundo os ocidentais do velho continente e visto que, o Brasil foi colonizado por estes, a mulher foi imposta a aderir tais exigências, sendo assim não tendo direitos e não poderiam frequentar escolas com educação formal, entretanto, eram instruídas e treinadas para o casamento, filhos e assistência ao marido como uns de seus maiores deveres.

Com um aprofundamento nesse contexto histórico brasileiro, a Igreja Católica era uma das principais potências no Brasil, onde tinham como princípio a persistência das normas culturais relacionadas a influência e ao poder político, e as mulheres viviam sob tutela de alguém que fosse de caráter mais responsável, desprovidas de qualquer direito ou autonomia:

Era um período estranho, insatisfatório, cheio de aspirações ingratas. Eu a muito sonhava em ser útil para o mundo, mas como éramos garotas com pouco dinheiro e nascidas em uma posição social específica, não se pensava como necessário que fizemos alguma coisa diferente de nos entretermos até que o momento e a oportunidade de casamento surgissem. melhor qualquer casamento do que nenhum, uma velha e tola tia costumava dizer. A mulher das classes superiores tinha que entender cedo que a única porta aberta para uma vida que fosse, ao mesmo tempo, fácil e respeitável era aquela do casamento. Logo, ela dependia de sua boa aparência, nos conformes do gosto masculino daqueles dias, de seu charme e das artes de sua penteadeira. (Charlotte Despard, memórias não publicadas, registro de 1850 apud Rogildo de Oliveira, 2012)

Despard (1850) aborda em seu texto sobre a situação em que vivia na época, descreve como eram os seus anseios, e que a mesma gostaria de contribuir com sua existência, mas por ser de condições ruins, não conseguia ir à escola e precisaria se entreter até que lhe fosse arranjado, visto que, só o casamento tornaria uma mulher respeitada com uma vida boa.

Como a igreja católica administrava muitos dos serviços públicos, dentro da política não seria diferente, declarando o homem como chefe de família e responsável legal, as mulheres não poderiam participar pelo fato de não terem voz e ausência de autoridade para eleger um partido. Uma vez que, as mesmas só poderiam exercer a função de procriação e o zelo perante sua casa e de sua família, tornando assim, o ser feminino dependente da ideologia do homem.

Mulheres de classe alta eram propriedades de seus pais, criadas para serem femininas recebendo instrução sobre a criação de seus filhos, visto que, o século estava sobre predomínio do Nacionalismo, e quando dadas ao patrimônio conjugal e tomadas por seus maridos, boas mulheres e esposas.

– A mãe de família, continuou o velho roceiro, é um objeto de importância imensíssima para a sociedade. As ideias que mais impressão nos causam, que mais enraizadas persistem no nosso espírito, são aquelas que na infância recebemos; e, em relação à moral, ordinariamente o menino vê pelos olhos, ouve pelos ouvidos, e julga pela alma de sua mãe... (MACEDO, 1910, vol.1, p.13)

O autor aborda que, a mulher que era importante para a sociedade é aquela que recebeu ensino adequado, caracterizada pelo bom casamento e maternidade, que instrui seus filhos pela educação que recebeu em sua ida a escola, e assim é um ser cuja imagem é moralmente idealizada.

Mulheres de classe mediana, recebiam instruções e educação de seus familiares, visto que não poderiam contar com professores particulares pela pouca condição que tinha.

[...] À noite toda a família se reunia na sala; eu dava a minha lição de francês a meu mano mais velho, ou a lição de piano com minha tia. Depois passávamos o serão ouvindo meu pai ler ou contar alguma história. Às nove horas ele fechava o livro, e minha mãe dizia: "Maria da Glória, teu pai quer cear". Levantava-me então para deitar a toalha. (ALENCAR, 1990, p.109)

Nesse trecho, o escritor exprime que as meninas recebiam uma educação terceirizada e com ensinos de aulas de francês e de piano com aqueles que tiveram uma educação formal, contudo as mesmas não sabiam ler e por isso, sempre ouviam o pai contar histórias.

Já o caso das moças de classe baixa, que eram muitas, a educação era vista como um caráter negligente, todavia, quando não é compatível com o meio em que vivem e quando não prepara para os papéis que devem desempenhar:

— Aí está, resmungava a mãe; aí está para que serviu saberes mais do que eu! Bem dizia teu pai, a quem Deus haja; bem dizia ele, quando te pus no colégio, que nada haveríamos de lucrar com isso! (AZEVEDO, 1963, p.93).

No entanto, as mesmas não poderiam sair desacompanhadas e seu acesso ao espaço público era devido as atividades relacionadas à igreja. Toda essa cautela que girava em torno, fosse para que as mulheres pudessem honrar seu nome e o legado de sua família, resguardando assim sua pureza:

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. (ALENCAR, 1973, p.11).

Em 1860, Louisa Garrett Anderson em um depoimento escrito citou:

“Era considerado um estigma permanecer solteira, e uma mulher solteira aos trinta anos era chamada de solteirona. Algumas pessoas têm que se manter, e aí surgem as dificuldades. A única ocupação remunerada aberta a essas senhoras era a de governanta, em condições difíceis e por salários miseráveis. Essas ocupações não são abertas às mulheres; não há mulheres nos departamentos do governo; até mesmo o trabalho de secretariado não é feito por elas”.

De acordo com Vasconcelos (2005), a mulher era duplamente excluída, enquanto o positivismo predominasse a história no século XIX, continuaria sem participar do conhecimento histórico, e tampouco na produção deste conhecimento. Visto que, ambas áreas eram destinadas a profissionais homens, evidentemente.

Diante disso, é retratado que todas as ocupações com grandes responsabilidades eram destinadas aos homens, visto que pela sociedade os mesmos eram os únicos capazes de conseguir com o proposto do serviço e devido ao fato de terem acesso a uma educação de forma que, as mulheres estavam distantes de alcançar. Houve-se então, pequenos movimentos que prescindiam a luta pela igualdade de direito e do trabalho feminino no Brasil.

2.1 EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES – UMA LUTA POR IGUALDADE

Mulheres de classe mediana eram aquelas que conseguiam viver com o que tinham e que além da pouca instrução que recebiam, sofreram com a divisão de trabalho. Havia restado poucas oportunidades que eram designadas para as mesmas. Tal como trabalhar nos jornais e revistas que eram voltados para mulheres ou o cargo de lecionar para escola de meninas.

Logo, as mulheres de classe baixa, precisavam trabalhar para o sustento da casa. Funções como trabalhos domésticos em cozinhas, lavanderias, e cocheiras eram as únicas designações. Por causas como ausência de instrução ou marido.

Embora não tivessem os mesmos direitos que os homens e ainda serem consideradas "objeto", as mulheres conseguiram o direito do voto como algo permitido, que atualmente é registrado como o Decreto nº 21.076 e com o decreto nº 181 de 24 de janeiro de 1890, foram atribuídas funções diferenciando qual era o papel do homem e o da mulher, e suas relações de poder.

Ainda no século XIX, ocorreu o início do espaço feminista no Brasil. As mulheres poderiam escolher seus caminhos, mas nas restrições da família. E por razões históricas como estas citadas e outras mais, as mulheres permanecem na sombra dos homens de várias maneiras, incluindo na arte e cultura. E ainda assim, persistem por muito tempo, agregando valor ao universo literário.

Sendo declarada uma das primeiras a quebrar esse estereótipo, Nísia Floresta foi uma mulher que estava à frente da sua época. Publicava narrativas pequenas e com objetivos moralistas e em 1850, publicou seu primeiro romance histórico *dedicação de uma amiga*.

Nísia Floresta era pioneira com publicações em jornais sobre ideais feministas e conquistou esse espaço na literatura para muitas outras. Autora de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1932), Nísia retratou dos direitos das mulheres e o acesso ao trabalho no Brasil.

Logo, o movimento feminista se ampliou, impulsionando diversos outros movimentos, como o *Mouvement de Libération de Femmes (MFL)* que ocorreu na França em 1970, o que fortaleceu ainda mais a causa:

Dessa maneira, a questão da diferença entre os sexos se torna, o objeto de reflexão e de intensos debates e divisões entre as feministas essencialistas, sobretudo aquelas próximas a psicanálise, da linguística, e de toda vertente de estudos literários. Mas também ocorrem debates entre as feministas “diferencialistas” que se vinculam a ideia sobre a diferença do sexo não ser um dado da natureza, mas sim uma construção social. (PERROT, 2008. p. 17)

A autora retrata que há uma divisão de opiniões pela conceituação do poder exercido pela mulher. Em uma vertente essencial, é retratado como um dado da natureza, já outras acreditam ser uma construção social. Tendo esse dilema relacionando ao sexo como o principal atributo da causa de debates.

Com o fim dos anos 70, e com os surgimentos de diversos outros movimentos feministas, as mulheres poderiam comemorar mais algumas vitórias relativas sobre seus direitos. Tais como a lei sobre o aborto em 1974; e a lei sobre penalidades do estupro em 1980.

As mulheres passaram a se destacar na sociedade dentro de pesquisas acadêmicas, assim associadas ao conceito de raça e classe social, ganhando cada vez mais espaço na construção da sociedade, e parte disso, através de disciplinas como sociologia e antropologia, que puderam ser fatores colaborativos para a realização de trabalhos.

Nessa perspectiva, podemos desfrutar de pesquisas feitas e produzidas por mulheres acerca da imprensa feminina, da desigualdade no trabalho e no movimento operário. Historiadoras como Evelyne Sullerot, Madeleine Guilbert e com Andrée Michel interligada com Simone Beauvoir que apoiava Christine Delphy e sua crítica ao patriarcado.

Já no meio literário, Elaine Showalter, em *A literature of their own* (1986) aponta três critérios que foram percursores nas décadas de 1840 até 1960. Abordando os termos “feminino” como uma etapa longa, caracterizada pela imitação do modo predominante da tradição dominante; “feminista” como uma ruptura em defesa dos

direitos e contra padrões prepostos; e “fêmea” como uma busca por identidade, no quesito autorias femininas na literatura, podendo ser encontrado como categorias essencialmente presentes em obras de escritoras.

As mulheres ajudaram na construção de uma sociedade benevolente, com movimentos sociais, com pesquisas e conquistas para elas e outras. Todavia, é importante salientar, quando Ribeiro (2019) aponta Patrícia Collins (1990) em sua discursividade da mulher negra no espaço feminista:

Para Collins, a mulher negra, dentro do movimento feminista ocupa esse lugar de “forasteira de dentro”, por ser feminista e pleitear o lugar da mulher negra como sujeito político, mas ao mesmo tempo ser “uma de fora” pela maneira como é vista e tratada dentro do seio do próprio movimento[...] (RIBEIRO, 2019, p. 36)

Na perspectiva de Collins, o espaço feminino negro dentro da literatura, foi um alvo de críticas. Visto que, o preconceito racial estaria sendo referido a produções que, escritos por negros, seriam de baixo custo ou irrelevante.

[...] Todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social dos negros nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social. (SOUZA, 1983, p. 20)

Desconsiderar a literatura negra feita por negros era um processo diásporo, pois a condição de ser negro era atribuída à sua etnia e a posição a sociedade em relação a classes sociais. Com isso, o meio negro se dividia: de um lado ficavam aqueles que se conformavam com a “vida de negro” e do outro, os que ousavam romper com o paralelismo negro/miséria. (SOUZA, 1983, p. 20). Com isso, o negro sempre precisara recorrer a uma ressignificação, com o intuito de superar padrões já reformulados.

Ainda assim, o espaço literário abrange autores que fazem essas discussões sobre o preconceito racial, o lugar de fala e a diminuição do espaço que foi conquistado por igual.

2.2 AUTORIA FEMININA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

O século XIX abrange uma vasta gama de acontecimentos que marcam a história, em destaque o nacionalismo brasileiro com a Independência, República e Abolição. Logo, a crítica brasileira não poderia ficar à mercê deste processo, visto que, é interligado com as relações públicas e sociais.

Dando início a questões norteadoras que envolvem os negros, seus descendentes e a literatura brasileira, a estudiosa Zilá Bernd em sua obra *Introdução à literatura negra* (1988), descreve a literatura em uma perspectiva mais humanista:

[...] é possível afirmar que a literatura negra surge como uma tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa de identidade determinada pelo longo período em que a “cultura negra” foi considerada fora-da-lei, durante o qual a tentativa de assimilar a cultura dominante foi o ideal da grande maioria dos negros brasileiros. (BERND, 1988, p. 22 e 23)

Sobre a perspectiva da autora, a literatura negra foi criada como um meio de introduzir questionamentos sobre a gradual ausência de identidade, que era determinada ao longo do período em que a cultura negra foi considerada a margem da lei, com a tentativa de assimilação da cultura que era atuante.

[...] o negro foi, aos poucos, conquistando espaços que o integravam a ordem social competitiva e lhe permitiam classificar-se no sistema vigente de classes sociais. [...] (SOUZA, 1983, p. 21)

E apesar dessa inclusão do negro como sujeito e como foco de estudo em campo, houveram inúmeras faltas de condutas no meio intelectual, relacionando-os como “risco terminológico”, com o uso da apresentação do termo *negro* associado a literatura. (Filho, 1988).

A expressão utilizada por Filho (1988), dispõe da ideia de haver uma probabilidade que interligando a literatura com o negro, a literatura que o mesmo conhece, poderia ser, de certa forma prejudicial no quesito em produções.

Todavia, compreendem-se as diferenças culturais e as condições históricas que as mulheres deixam em vanguarda e se posicionam contra os padrões que eram estabelecidos. Assim, uma vez que houvesse a imagem de gênero representativo, haveria a possibilidade de complementar a estrutura histórica e teórica da literatura afro, onde se faria possível a inclusão das mulheres, nos séculos XVIII e XIX.

[...] no meio literário, elas não aparecem como heroínas de uma raça, musa ou protagonista de um romance. Poucas ganharam visibilidade, mas também tiveram que enfrentar grandes desafios e preconceitos para que seus escritos fossem publicados, vendidos e lidos. (Campos. 2008, p. 3)

Na literatura, a mulher está entrincheirada como *esposa-dona-de-casa* e há um histórico generalizado de severa alienação, o que torna está uma das fontes de relatos literários históricos de exclusão ou preconceito. Relacionando a esse sistema, as mulheres negras eram excluídas do acesso à educação, todavia, a escolarização não era permitida aos negros, estimulando a invisibilidade intelectual em sua escrita.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem em um lugar silenciado estruturalmente. (RIBEIRO, 2019, p. 48)

Além da ausência de educação, o racismo era mais uma vinculação que as mulheres negras enfrentaram mediante a sua escrita gerando assim, dificuldades de seu reconhecimento. E com fatores como a ausência de recursos para divulgação e pelo baixo crédito de serem obras produzidas por mulheres negras, poucas ganharam visibilidade.

Como exemplo, a africana Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz que foi vendida como escrava para um grupo de traficante de escravos, e que ao chegar no Rio de Janeiro, teve uma vida turbulenta, em 1725. Embora Rosa Maria não fosse brasileira e não tivesse seus trabalhos divulgados e publicados, seu biógrafo Luiz Mott (1993), abrange alguns dos seus escritos e manuscritos, onde a descreve como:

foi não apenas a primeira africana no Brasil, de que temos notícia, a conhecer os segredos da leitura, como também provavelmente a primeira escritora negra de toda a história, pois chegou a reunir centenas de páginas manuscritas de um edificante livro: *Sagrada Teologia do Amor de Deus, Luz Brilhante das Almas Peregrinas*, lastimavelmente queimado às vésperas de sua detenção [pela Inquisição], mas do qual restaram algumas folhas originais. (MOTT, 1993, p. 8)

Assim como Rosa Maria, tivemos na literatura, escritoras renomadas como um parâmetro de simbologia de lutas e conquistas de mulheres negras, seja por igualdade racial, de gênero e de classe. Dentre elas, ressaltando neste estudo, Maria Firmina do Reis (1825), como uma das antecessoras de romances abolicionistas de sua época, antiescravista e além de autora, foi um ícone da primeira escola mista, de livre acesso no Maranhão.

3. MARIA FIRMINA, UMA MARANHENSE À FREnte DO SEU TEMPO

O ano de 1859 foi marcado na história por romances escritos por mulheres negras no Brasil, sendo Maria Firmina do Reis uma antecessora desses romances na literatura. Considerada a primeira romancista negra brasileira, no Maranhão, publicando através de pseudônimo *uma maranhense*, sua obra *Ursula* no séc. XIX, assim como outras obras posteriormente como, um romance indianista *Gupeva* (1861), as poesias de *Cantos à beira-mar* (1871) e o conto *A escrava* (1887).

Maria Firmina do Reis, filha de Leonor Felipe dos Reis e João Pedro Esteves, nasceu na cidade de São Luís – MA, em 11 de outubro de 1825. Mulata e bastarda, Maria Firmina mudou-se com a família, aos cinco anos de idade para a Vila de São José Guimarães no município de Viamão, onde viveu parte de sua vida na casa de uma tia materna. Em 1847, concorreu ao concurso local para o cargo de Instrutora Primária, onde foi aprovada e desde então, exerceu a profissão de professora até 1881.

Como aborda Mary Del Priore;

A professora morava e lecionava em casa, como era de costume. Era reconhecida como “Mestra Régia”, o que na época significava professora formada e concursada, em contraposição à professora leiga. [...] Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçaricó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. (PRIORE, 2007, p. 410)

Em 1880, Maria Firmina conquistou seu lugar na história da educação brasileira. Fundou uma escola mista e gratuita para crianças, visto que, eram poucas as meninas que podiam receber educação, um ensino que não era formal e com um objetivo que a sociedade colocava sobre as mulheres, mas segundo Raimundo de Meneses (1978), essa atitude de Maria, escandalizou os círculos locais, em Maçaricó, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio.

Em 1881 e aposentada do ensino público, Maria Firmina continuou a ensinar crianças de povoados e filhos de lavradores, firmando sua primeira vocação, que era o de lecionar. Faleceu em 11 de novembro de 1917, em Guimarães, aos 92 anos, cega e pobre.

Ao analisarmos a obra e, com o que foi acordado neste trabalho, podemos afirmar que a escrita foi para as mulheres, no sec. XIX, uma maneira de derrubar os limites impostos pela sociedade patriarcal entre o vínculo empregatício público e o privado.

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes (TELLES, 1989, p. 75)

Conforme o autor, o ato de escrever por mulheres era uma forma de violação que ultrapassava os limites estabelecidos pela sociedade que era conservadora e escravocrata. Dito isso, escrever *Úrsula* foi para Maria Firmina do Reis, como um duplo movimento, que oscila entre a realização da obra, enquanto arte, e o ato político. TAVARES (2007, p. 2). Uma vez que, o lugar em que se ocupa socialmente afere experiências e perspectivas distintas.

Através deste gesto, a autora constrói uma identidade com a literatura negra por meio de um romance, e destoa do conceito de lugar público com a publicação de sua obra.

Todavia, Maria Firmina tinha consciência de que sua obra poderia cair em esquecimento, uma vez que, não pertencia ao padrão de escritor romântico e aquele espaço não era para escritoras como ela. E com isso, em seu prólogo diz:

Mesquinho e humilde livro é esse que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2020, p. 7).

Maria Firmina não se aflige pelo fato de sua obra não ser reconhecida, ela não queria ser celebrada, pois a mesma reconhece a pouca educação que teve, em comparação aqueles que muito já fizeram na arte de publicar, mas que o faz em homenagem ao amor materno que tinha em sua vida.

3.1 ÚRSULA, UMA ANÁLISE LITERÁRIA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA VOZ NEGRA

Durante o período romântico, que coincide com a independência do Brasil em sua primeira fase, muito se retrata sobre o índio e a formação de uma identidade nacionalista, como já abordado neste estudo. Além disso, o negro não tinha espaço dentro da literatura canônica nessa época, uma vez que os românticos visavam apresentar uma imagem de uma nação harmoniosa e unificada, como resultado da qual os diferentes grupos étnicos são eliminados.

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição inferior. (SOUZA, 1983, p. 19)

A literatura brasileira, em meados do século XVII, transmite um discurso que aborda a população negra, a lugares já predeterminados, impedidos do direito de fala. Destarte, estereótipos como a classe social, cultura e etnia situam o indivíduo sob um viés escravocrata e inferiorizado, historicamente.

Ribeiro (2019) reflete a percepção de que seres humanos não deveriam ser pensados da mesma forma, pois isso seria destitui-lhes da humanidade. Ou seja, pessoas negras, e especificadamente as mulheres negras, não estariam sendo consideradas como sujeito em sociedade, uma vez que a essência de humanidade contemplaria somente homens brancos, em geral.

Nessa perspectiva, é relevante salientar que a ausência do protagonismo de vozes negras em literatura, sustenta-se sobre a discriminação racial que decorreu verazmente. Contudo, é necessário discernir e pontuar que quando o negro assume uma posição em sociedade, ele reivindica seu direito de voz e até a própria vida.

(...) Assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos. (BERND, 1988, p. 22)

Em virtude disso, Maria Firmina aborda em *Úrsula* um espaço onde pessoas de pele negra poderiam se sentir representadas, retratando cenários brasileiros como a travessia e o tratamento para com escravos, levando o sujeito negro como parâmetro de reflexão sobre sua ancestralidade.

A criação de personagens negros dentro da narrativa, parte de um caráter cultural de identidade, com características específicas e individuais que os tornam relevantes dentro do contexto discursivo. Essa construção é dada através da realidade africana, onde os negros assumem sua posição social por meio dos diálogos e atos.

Segundo a autora Eni Orlandi (2009) que parafraseia M. Pêcheux (1975) em sua obra *Análise do discurso*, sob uma perspectiva de análise, aborda a maneira em como utilizamos do pensamento e como o descrevemos:

[...] Essa impressão é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só poderia ser dito com aquelas palavras e não outras [...] Ela estabelece uma relação “natural” entre palavra e coisa. [...] (ORLANDI, 2009, p. 35)

Segunda a autora, Maria Firmina tem o cuidado nas escolhas de suas palavras ao descrever enredos que são marcados pela opressão, contudo, ao utilizar de uma realidade histórica com a estrutura de uma ficção, e relacionando-as, estabelece uma ligação entre pensamento e discurso.

A minha condição é a de um mísero escravo! Meu senhor - continuou -, não me chameis amigo. Calculastes já, sondaste vós a distância que nos separa? Ah, o escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte, que ... (REIS, 2020, p. 18)

Ao determinar a condição de Túlio, a autora aponta que os indivíduos situados aquela condição, não são dignos de terem ou possuírem cordialmente, familiaridade com outras pessoas, relacionando o escravo com sua realidade histórica.

Em paralelo a essa discussão, o enredo da obra começa com Túlio, um jovem escravo que ao caminhar avista um homem chamado Tancredo, ferido sob seu cavalo e que resolve ajudá-lo, levando para a casa de sua senhora, onde Úrsula dita como filha de sua senhora, o ajuda cuidando de seus ferimentos e que após longos dias de cuidados, ambos se apaixonam. Uma paixão que desperta em seu tio, o comendador P. uma inveja inigualável, visto que Úrsula não poderia ser sua.

O comendador P. com seus desejos e anseios não permite que Úrsula seja de alguém além dele, com isso, o mesmo mata Tancredo, que até o momento já era noivo de Úrsula, levando a pobre menina ao desespero e à loucura. Onde o mesmo, acaba enlouquecendo também. Após a morte de Úrsula, seu tio morre de desgosto diante das ações ruins que fizera.

Além dessa narrativa em que percebemos o triste fim da história, onde Maria Firmina não dispõe de um final feliz, o que a difere de outros romancistas, observamos intrigantes personagens negros.

Ao iniciar da narrativa, Túlio é descrito como um jovem negro que tinha como condição de vida: escravo. Em seu coração permitira a bondade e pureza de um inocente e com isso, ajudou o pobre mancebo que precisava de cuidados, cujo o mesmo o denominou amigo e a sua liberdade, uma vez que Túlio o salvou. Mas a sua fé no mancebo o levou a um infeliz fim.

No capítulo nove, podemos notar a descrição da Preta Susana:

E aí, havia uma mulher escrava e negra como ele, mas boa e compassiva [...] Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosso tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (REIS, 2020, p. 80 e 81)

Uma personagem velha e simples, mas boa e compassiva, que carrega consigo grandes traumas e vivências sobre o seu passado. Preta Susana exclama sobre o horror da escravidão e que viveu na pele em seus dias de moça, o sentimento de ser arrancada de seu lar e de sua família, quando utiliza da expressão *vou contar-te o meu captiveiro*.

Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos amarrados em pé e, para que não houvesse receio e revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas (...) (REIS, 2020, p. 84 e 85)

A nítida descrição sobre a travessia dos negros que Maria Firmina manifesta em sua escrita, transmite a realidade em que muitos negros africanos se encontravam. Partindo da captação a maus tratos, o aprisionamento e até a morte.

O uso da terminologia preta para descrever Susana, nos permite refletir sobre a construção deste personagem em específico, vinculando o termo ao personagem e uma conexão com a cultura africana, quando a mesma exprime sua história partindo de um ponto de vista humanizado.

Dentro de um contexto social, a mulher escrava não poderia ter as mesmas prioridades que uma mulher branca idealizada, como por exemplo: ao casamento e a maternidade.

Como nos explica Evaristo:

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. (EVARISTO, 2009, p. 22)

Segundo a autora, a imagem da mulher negra está entrelaçado aos costumes de um passado escravista. Enraizado no meio literário, a diferença sobre a importância da mulher branca para a sociedade e a mulher negra como sujeito subjugado a servidão.

Antero, é descrito como um velho negro que sempre trabalhou muito e na sua terra e ao dia de descanso, comemoravam e festejavam. Após ser levado como escravo, guardava a casa do seu senhor comendador P. e que teve como prisioneiro, Túlio. Entretanto, o velho tinha um defeito que poupou a vida de Túlio, o vício na bebida e o fumo, ações que eram capazes de suportar a vida triste que levara.

As falas de Túlio são usadas como denúncia social, passando a ser além de ouvinte, transmissor das vidas de Preta Suzana e Antero que a perspectiva romântica, dão ênfase na história com situações sobre como era a vida de escravo.

[...] Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas nas discursividades [...] no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (ORLANDI, 2009, p.43).

Em compreensão a esta citação, a autora aborda que, a ideologia que Maria Firmina exprime em sua obra, encontra-se no diálogo entre os personagens caracterizados escravos.

Na conversação entre Túlio e Preta Susana, exemplificando, onde o jovem negro relata acompanhar o nobre mancebo como forma de agradecimento pela sua emancipação, mas Preta Suzana rebate tal convicção quanto a sua liberdade:

- Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. – Meu filho, tu és já livre?...
[...] Liberdade! Liberdade! Ah, eu a gozei na minha mocidade [...] tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2020, p. 82 e 83).

A fala de Preta Suzana é manifestada com o sentimento de uma recordação dolorosa, onde a mesma relata já ter vivido o sentimento de estar livre, e intitula Túlio como ingrato, ao trocar o lar onde passou a vida poupadão dos acerbos da escravidão pelo desconhecido mancebo.

A obra *Úrsula* difere da literatura moderna por vários motivos. Os negros, por exemplo, não são apenas o sujeito da história, mas também o objeto de um ângulo interno.

Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. (ORLANDI, 2009, p. 17)

O escravo é o sujeito da narrativa, então as tendências do texto e a forma literária mostram que ele é dono de si, naquilo que pensa e diz dentro do discurso. A exemplo disso, quando Túlio é levado para prisão do comendador P. e o afronta já esperando por uma situação desagradável, pelo seu desrespeito:

- Covarde! - bradou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quanto essa palavra insultuosa o poderia perder. – Matai-me muito embora, estou em vosso poder, mas não me insulteis! [...] (REIS, 2020, p. 150)

O sujeito da narrativa não se trata apenas de um sujeito particular, quando descrito a sua construção por uma sociedade branca, mas para Orlandi (2009) se trata de um coletivo, cujo o interdiscurso afeta o modo como o sujeito significa em uma situação específica.

Maria Firmina ao traçar uma história, torna-se porta voz de várias outras vozes, cujo sentidos estão relacionados ao discurso de outros indivíduos.

Como afirma, Bernd (1988):

Na grande maioria dos casos, o *eu* individual funde-se no *nós* coletivo, evidenciando um empenho em delinear uma identidade comunitária. [...] (BERND, 1988, p. 78)

Não obstante, a autora manifesta grande empenho ao descrever histórias que relacionam a opressão aos negros escravizados com o intuito de abordar a realidade daqueles que aceitaram a escravidão como desfecho da vida. A transgressão marcada na obra, aponta cenas que reconstrói o cotidiano das pessoas que viviam na África, como Preta Susana, que descreve sua vida antes da escravidão, que assume um ponto de vista único.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares [...] Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo! Desgraçada de mim! [...] Nunca mais devia eu vê-la... (REIS, 2020, p. 84)

A autora utiliza do discurso de uma mulher, que sofreu a dor da perda da pátria, como a mesma exprime em sua obra, após ser levada para longe de sua família e de sua terra, para realizar uma ressalva na troca de valores, onde o branco é identificado e descrito como um bárbaro colonizador de vidas negras, sendo considerado malfeitor de seus atos.

Ainda não tinha vencido cem brasas do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me guardava. E logo dois homens apareceram e me amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! [...] Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava; pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! [...] (REIS, 2020, idem)

Maria Firmina reverte a situação dos personagens negros como as principais vítimas de uma serventia que perpassa ao longo da história, encaixando-os em seu espaço e tempo dentro da narrativa.

Octavio Paz ressalta na introdução do livro de Zilá Bernd (1988) que:

Já é tempo de se questionar a forma como foi escrita a história do negro no Brasil, assim como sua contribuição nos domínios literários, e esperar que o surgimento de uma anti-história e de formas de contra literatura possam tirar da clandestinidade muitos fatos que, por ora, a cultura triunfante mascara (BERND, 1988, p. 18)

Sobre essa racionalização é notório que, há uma necessidade de levantar questionamentos sobre as histórias produzidas por mulheres, onde muitos fatos aconteceram e pouco se é mostrado dentro da literatura, como exemplo, o perfil que era idealizado sobre as mulheres.

3.2 O PERFIL DAS PERSONAGENS FEMININAS

Maria Firmina também retrata a situação das mulheres e como estão totalmente interligadas aos gêneros masculinos, tendo em vista que o patriarcado e a sociedade subjugam o homem como provedor de sua casa.

[...] Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. (ORLANDI, 2009 p. 39)

A autora aponta que a situação das mulheres descrita por Maria Firmina é parte de um todo, ou seja, onde não se sabe a origem e não há de saber do fim, todavia, ser um assunto amplo e já abordado, como a mesma descreve personagens femininas em âmbito e situações diferentes.

Úrsula como personagem principal desta trama, órfã e a mimosa filha da senhora Luíza B. é retratada como uma heroína de coração puro, bela e caridosa. Cuja personagem se apaixona por Tancredo, mas tem a concretização deste amor impedido por seu tio, o comendador P., tendo para si, um final inesperado.

[...] a flor daquelas solidões [...]

Bela como o primeiro raio de esperança [...] Era ela tão caridosa ... tão bela e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos e melancólicos. (REIS, 2020, p. 22).

Úrsula frequentava a floresta, pois sentia-se melhor com seus pensamentos, visto que, morava e cuidava de sua mãe, A senhora Luíza B. uma pobre mulher doente que já estava vencida pelo sofrimento de ter tido uma vida sombria, se encontrava em uma condição de enferma que a mantinha na cama sendo totalmente dependente da filha para com seus afazeres.

Luíza B. fora bela na sua mocidade, e ainda no fundo da sua enfermidade podiam descobrir-se leves traços de uma passada formosura. (REIS, 2020, p. 70)

Luíza B. era uma mulher que sofreu muito, mesmo após a morte do marido, visto que o mesmo a desonrava para com seus deveres conjugais e arruinava sua riqueza, tornando-a viúva, pobre e enferma cuja a única riqueza que tivera de seus bons dias, era Úrsula, que sentira cada vez mais próxima a morte da mãe.

Assim como Luíza B., a mãe de Tancredo também foi uma mulher retratada pela opressão patriarcal:

[...] O pintor havia aí traçado uma beleza de dezoito primaveras. As madeixas de seus sedosos cabelos molduravam-lhe as faces brancas de neves, e as rosas eram tão débeis que as tingiam apenas de ligeira cor. (REIS, 2020, p. 57)

De modo que, sofrera pelas mãos de seu marido, um homem que a muito lhe tratava como objeto impondo rigores morais, toda via, a mesma continuava submissa a ele, visto que, era preciso manter o modelo de família padrão de valores patriarcais da época.

Adelaide, uma personagem secundaria é retratada como uma moça sem dotes e nem futuro, órfã de mãe e pai descrita pelo mancebo:

[...] eu vi uma mulher bela e sedutora, dessas que enlouquecem desde a primeira vista." (REIS, 2020, p. 42)

Apresentada a Tancredo por sua mãe, dizendo que a criara como filha em sua ausência. Tancredo se apaixona, mas esse amor é impedido por seu pai, visto que a moça não estava à altura do filho. Seu pai o manda pra estudar longe e após um ano, poderia ceder a mão de Adelaide. Entretanto, após sua volta, Tancredo é recebido com a morte da mãe, e Adelaide como sua madrasta.

As mulheres descritas na obra da autora seguem um conceito de imagem preconcebida. Assim Úrsula, Luíza B., Mãe de Tancredo e Adelaide eram mulheres bonitas e formosas, mas dadas as situações em como levavam a vida, todas faziam parte do alvo no exercício do poder da sociedade, que era relacionado ao nacionalismo, onde sua identidade só era respeitada se tivessem suas imagens vinculadas aos seus pais ou maridos como provedores ou guardiões.

Assim como afirma o pai de Tancredo:

- Meu filho, tenho pensado madura e longamente sobre os teus amores ... são uma loucura! [...] Sabes tu quem era o pai dessa menina? Não te falarei. [...] (REIS, 2020, p. 53)

Ainda acerca do fragmento, é possível compreender que a situação das mulheres eram frutos de seus benfeiteiros. Sua instrução, seus dotes e sua honra precisavam ser itens essenciais para um bom casamento pois assim, estariam à altura do candidato escolhido pela família.

Entretanto, é possível observar que há no enredo uma controversa contra o sistema patriarcal vigente, sobre a obrigação de submeter a mulher ao casamento, caracterizado nas falas de Luíza B. para sua filha como último pedido, onde a mesma gostaria que Úrsula se cassasse por amor e não por um arranjo: "Meu Deus! Perdoai-me se peço nisto... Aconselho-te... que fujas... Foge... minha... fi...lha!... Fo...ge!..." (REIS, 2020, p.110).

São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma; branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. [...] os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito. E a sua beleza é amena e doce, e o exíguo esquife, que vai

cortando as suas águas hibernais mansas e quedas, e o homem, que sem custo o guia, e que sente vaga sensação de melancólico enlevo, desprende com mavioso acento um canto de harmoniosa saudade, despertado pela grandeza dessas águas, que sulca. (REIS, 2020, p. 9)

Ao analisarmos a voz da autora como sugere o tema deste trabalho, é possível identificar uma abordagem de escrita que apresenta em seus textos, sentimentos através da descrição da natureza e paisagem, e de denúncias relacionados aos temas sociais e raciais através do grande cenário que é o caso amoroso de Tancredo e Úrsula.

Assim, a literatura negra se constrói não como um discurso da gratuidade, ou unicamente da realização estética, mas para expressar a consciência social do negro. (BERND, 1988, p. 53)

Portanto, a literatura negra foi criada para expressar a consciência social dos negros, e não para recompensar o discurso ou a mera conquista estética. Com isso, Maria Firmina expõe narrativas utilizando de um contexto histórico para dialogar sobre as situações que eram corriqueiras quanto ao negro.

Apropriar-se e do eu lírico para abordar questões que intertextualizam a historicidade do negro e da mulher em sociedade e literatura, é um ato de reapropriação de um espaço que pouco é falado em outras literaturas. E ocupar-se desta narrativa, é reivindicar a si mesmo para buscar a humanização aos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Úrsula* é um romance romântico, de carácter abolicionista. Possui eixos narrativos relacionados ao movimento romântico como a idealização do amor impossível como de *Úrsula* e *Tancredo* e a negritude, com personagens africanos e afrodescendentes. A autora trata da violência relacionada a escravidão, e aos maus tratos que os personagens negros recebiam.

Dialogar sobre temas relacionados à situação atual de negros e mulheres, no contexto histórico do século XIX, foi uma proporção de conflito social e político. Ou seja, é um assunto que a sociedade não digeria bem porque viviam de acordo com o que era dado e imposto, não tendo outros meios, e precisavam adaptar-se, caso quisessem uma vida vista socialmente aos padrões implementados.

Maria Firmina destoa do perfil da mulher formulada pelos colonizadores, quebrando o ciclo onde a mesma é priorizada e idealizada cuja função seria apenas de uma boa mulher, boa esposa e boa mãe, quando retrata *Úrsula*, que não se deteve do seu amor por *Tancredo*, mesmo quando seu tio afirmou sua paixão, ameaçando matá-lo, como assim o fez.

A autora se apropria da historicidade dos negros para abordar sobre como era o tempo de escravidão e que os mesmos fazem parte de uma sociedade que precisava ser humanizada.

Com isso, a autoria feminina negra dentro da literatura foi, de fato, um momento histórico, dada questão das obrigações que eram postuladas a serem seguidas e sobre como a mulher se emancipou através de movimentos e denúncias por um direito igualitário com relação ao trabalho e seu espaço em literatura e sociedade.

Contudo, podemos concluir que a contextualização histórica que deu origem ao Romantismo no Brasil, como no Maranhão, abriu espaço para uma literatura onde autores como Maria Firmina, uma mulher que teve seu lugar de fala esquecido, pode exprimir, a desigualdade relacionada ao gênero feminino e ao negro.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. **Lucíola**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1990. (Série Bom Livro)
- ALENCAR, J. **Senhora**. 13. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate**. Psicol. clin. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652005000200004&lng=pt&nrm=iso. acesso em 14 jun. 2023.
- AZEVEDO, A. **O coruja**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.
- BERLIN, Isaiah. **Raízes do romantismo**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BERND, Zilá. (Org.). **Poesia negra brasileira**. Porto Alegre: AGE/IEL, 1992.
- BERND, Zilá. **Introdução a literatura**. Editora Brasiliense, 1988.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50ª edição. São Paulo: Ed. Cultrix, 2015.
- BOSI, Alfredo. **Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária**. In: Literatura e resistência. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Representações da mulher negra na literatura brasileira**. UERJ. 2008.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1975.
- CONCEIÇÃO, Evaristo. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- CORRÊA, Rossini. **Formação Social do Maranhão: o presente de uma arqueologia**. São Luís: SIOGE, 1993.
- DESPARD, Charlotte. **A situação das mulheres no século XIX**. 2010 apud Oliveira, Rogildo de. A mulher no sec. XIX. 2012.

- MACEDO, J. M. **Os dois amores**. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1964.
- MENESES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p.570-1.
- MERGÁR, Arion. **A representação social do gênero feminino nos autos criminais na Província do Espírito Santo (1853-1870)**. 2006. 160 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Espírito Santo. 2006.
- MOTT, Luiz. **Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli, **Análise de discurso princípios e procedimentos**. Ed. Pontes. 8 edição. 2009.
- PERROT, M. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. *Cadernos Pagu*, [S. I.], n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Jandira/SP. Ed. Principis. 2020.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo. Ed.: Pólen. 2019.
- SOUSA, Neusa Santos. **Torna-se Negro**. Rio de Janeiro. Ed.: Graal. 1983.
- TAVARES, Eleusa Diana Almeida. **Literatura e história no romance feminino do Brasil no século XIX: Úrsula**. In: **XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura**, 2007. Ilhéus, BA. Anais... Ilhéus, BA: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/sessoes.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- TELLES, Norma. Rebeldes escritoras, abolicionistas. **Revista História** [online], São Paulo, 120, p. 73-83, jan./jul. 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/18593/20656/22124>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 1^a edição. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

WANDERLEY, Andrea C. T. **Série “Feministas, graças a Deus!” I – Elvira Komel (1906 – 1932), a feminista mineira que passou como um meteoro.** 2020. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=decreto-no-21-076>. Acesso em: 15 jun. 2023.